

Religiões afro-brasileiras no contexto escolar: Uma análise numa escola pública do Rio Grande do Sul

Evandro Ricardo Guindani¹

evandroricardo1@gmail.com

Laís de Ávila Soares²

laisavila25@gmail.com

Yáscara Koga Guindani³

yascaraguindani@unipampa.edu.br

Resumo: Este trabalho resulta de uma pesquisa que teve por objetivo analisar a percepção de professores e alunos de uma escola pública acerca das religiões de matriz africana presentes no Brasil. Sabe-se que há uma diversidade religiosa no Brasil, mas ela, muitas vezes, fica à margem nos currículos das escolas brasileiras. Partindo dessa realidade, e valendo-se da laicidade do País, o estudo das religiões afro-brasileiras na escola são o foco do trabalho. Dessa forma, para poder identificar a percepção em relação às religiões afro dentro das escolas, o estudo utilizou entrevistas com professores e aplicou um questionário aos alunos de uma escola pública na cidade de São Borja-RS. Por meio da pesquisa, percebe-se a presença da cultura intolerante em relação às religiões afro, assim como a falta de uma abordagem mais aprofundada sobre essas religiões nos currículos da escola. Este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre a realidade em que se encontram as religiões afro-brasileiras no contexto escolar.

Palavras-chave: Religiões afro-brasileiras. Escola. Diversidade religiosa.

Afro-Brazilian religions in the school context: An analysis in a public school in Rio Grande do Sul

¹ Doutor em Educação; Mestre em Ciências da Religião e Graduado em Filosofia. Professor do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, Campus de São Borja-RS.

² Graduada em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Pampa e Professora da Rede Pública Municipal de São Borja-RS.

³ Graduada em História, Mestre e Doutora em Educação pela PUC-SP. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja-RS.

Abstract: This work is the result of a research that aimed to analyze the perception of teachers and students of a public school about the religions of African origin present in Brazil. It is known that there is a religious diversity in Brazil, but this is marginal, and often only the worship of a specific religion is done, directly or indirectly, within Brazilian schools. Based on this reality, and taking advantage of the country's secularity, the study of Afro-Brazilian religions is the focus of the work. Thus, in order to identify the perception of Afro religions within schools, interviews were conducted with teachers and a questionnaire was applied to students at a public school in the city of São Borja-RS. Through research, it is very evident the presence of an intolerant culture in relation to Afro religions, as well as the lack of addressing these religions in classes, as well as the absence of this theme in school curricula. This work seeks to contribute to the reflection on the reality in which Afro-Brazilian religions are found in the school context.

Keywords: Afro-Brazilian religions. School. Religious diversity.

1 Introdução

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo investigar e compreender, como se dá – na ótica dos professores - a abordagem das religiões afro-brasileiras dentro da sala de aula e qual a percepção dos alunos sobre essas religiões. Num primeiro momento será apresentado uma reflexão sobre o papel da escola na educação para tolerância com as religiões afros. Num segundo momento será apresentada a percepção de professores sobre a abordagem desta temática na sala de aula e a percepção dos alunos acerca das religiões afros. A religião esteve presente na maioria das civilizações do mundo e não se nega que, além de seu caráter de crença e fé, ela esteve muito atrelada à dimensão política, econômica e cultural do mundo.

No Brasil, não é diferente, e sua história possui muitas relações com as religiões. Este país é atualmente um dos países que possui uma grande diversidade religiosa, e por isso a discussão e debate sobre as religiões é de fundamental importância na construção de uma sociedade de paz, respeito e tolerância.

A metodologia desta pesquisa pautou-se na aplicação de um questionário com os alunos de uma escola municipal da cidade de São Borja, assim como na realização de uma

entrevista semi-estruturada com as professoras da Disciplina de História e Ensino Religioso da escola. Ambos os métodos auxiliaram na percepção acerca do trabalho sobre as religiões afro nas aulas, e também sobre a percepção dos alunos em relação a essas religiões, identificando a existência da intolerância e preconceitos. Com relação ao termo “preconceito”, o mesmo será abordado na perspectiva do preconceito racial, que, de acordo com Nogueira (1985), considera-se como uma certa disposição (ou atitude) desfavorável, que foi culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma determinada população, aos quais se têm como elementos estigmatizados, seja devido à sua aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece.

Com relação ao conceito de tolerância, cabe destacar que o mesmo possui um sentido ambíguo. De acordo com Cossetin (2017), o termo “tolerância” possui um significado positivo, em que o outro é concebido como uma alteridade a ser reconhecida e acolhida, e outro negativo, que pode ser interpretado tanto pela ênfase no tolerante, para o qual o outro é apenas um estranho ou uma existência meramente concedida, como pela ênfase no tolerado, que impõe sua existência e seu modo de ser, oprimindo e anulando o tolerante. Neste artigo, o termo é abordado no seu significado positivo, ou seja, a intolerância é a atitude de negar o outro na sua alteridade, rebaixá-lo a uma condição desumana, inferior. Ser intolerante significa, nessa abordagem, ser violento com o diferente, considerar o diferente como errado.

2 As religiões afro no contexto escolar

A escola possui um papel fundamental na luta pelo respeito ao diferente e na demonstração de que o diferente não é sinônimo de ruim. A escola possui a função de demonstrar no dia a dia que aquilo que determinado grupo não pratica não é algo errado. Como traz a autora abaixo apontando-se alguns fatores importantes para que haja o respeito ao diferente nas escolas, segundo ele a escola precisa considerar algumas posturas, tais como:

- a) conhecer as religiões como fenômeno sempre presente nas múltiplas culturas em todo percurso histórico. Cada crença conserva características próprias de sua civilização;

- b) conhecer as diversas religiões sempre relacionando em que contexto histórico elas surgiram. Dessa forma o aluno terá oportunidade de arrolar sua crença religiosa com as demais existentes e não menos importantes;
- c) motivar a sintaxe de um convívio afetivo por meio de colóquios ecumênicos e inter-religioso, proporcionando aos alunos e toda comunidade escolar, um momento de reflexão a respeito das diferenças religiosas. A postura ética e moral poderão ser resgatadas (MILANI, 2013, p.18619).

As posturas citadas acima pela autora demonstram uma realidade distante de muitas escolas que não se aprofundam nas diversas religiões. A falta de conhecimento em relação às religiões alimenta uma cultura que espalha os seus preconceitos em relações a essas, e muitas são vistas como algo ruim, ou até mesmo não são consideradas religiões, por aqueles que não aceitam as crenças diferentes das suas. Por exemplo, temos as religiões afro-brasileiras que muitas vezes são vistas com preconceito por parte de algumas pessoas.

As religiões afro surgem com a chegada dos negros escravizados no Brasil e persistem até os dias de hoje, com um histórico de resistência e luta pelo respeito, como todas as religiões merecem, pois, de acordo com Conceição (*Apud* CRUZ, 1993), as religiões afro fazem parte do Brasil compondo o universo cultural da raça negra do país que foi raptada da África para a Europa e América, mantidas aqui sob tortura física e psicológica por quase quinhentos anos.

De acordo com Moreira e Silva (2013), as religiões afro sempre ficaram à margem da história, e quando foram discutidas, sempre foram objeto de desvalorização. Muitos autores descreveram as práticas religiosas dos negros africanos, por exemplo, com um olhar carregado de preconceitos, sem compreender a representação dos rituais religiosos para esses povos, o que levou a sociedade brasileira a condenar e continuar condenando essas práticas religiosas. Mas, essa visão marginalizada em relação às religiões afro está atrelada à história dos primeiros negros africanos no Brasil, sendo possível perceber como se chega a toda gama de preconceitos em relação à cultura e à religião afro.

Além de todo período de escravidão no Brasil, que perpetua inúmeros preconceitos com os negros, com a abolição da escravatura, a realidade não se difere tanto, pois os negros continuaram à margem da sociedade, não sendo colocados como parte dela. De acordo com Mattos (2011), na visão da elite do Brasil, o negro, por conta do seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho para a formação de um país.

Em tempos mais atuais, o pensamento que predominava até os anos de 1930 era de “que o atraso brasileiro se devia ao mal da mestiçagem” (STRIEDER, 2001, p. 13). A relação que se estabeleceu entre os negros e os europeus foi considerado um mal, feito em relação à sociedade, já que esses mestiços passavam a fazer parte da sociedade pelos seus laços com os brancos, em alguns casos. E logo, cada vez mais, a cultura e religião deles estariam mais fortes dentro da sociedade brasileira. E além dessas concepções, um fator que foi marcante na história, que ressalta o preconceito em relação a esses povos é o fator do branqueamento da população. Mattos (2011) apresenta esse fenômeno como a evolução étnica brasileira. Alternativa tida para tornar pura a população brasileira, já que a mistura entre as raças estava ocorrendo gradativamente. A busca por branquear o Brasil era também a tentativa de afastar a cultura e religião destes povos, que estavam em maioria no país, naquele período. Com o branqueamento, todo ato cultural ou culto religioso dos negros africanos seria afastado, pois não eram atos católicos e civilizados.

A imigração foi uma prática, para alcançar esse branqueamento. Strieder (2001, p. 13) destaca ainda que “o projeto de imigração para o Brasil, desde a independência do país, em 1822, visava trazer apenas populações brancas”, Práticas que foram colaborando para a estruturação do racismo no Brasil, já que era necessário branquear a população e manter a cultura desta como única. Mattos (p. 186) traz, ainda, que “[...] concomitantemente à eliminação do negro, a imigração européia foi incentivada com o intuito de promover o branqueamento da população [...]”. Atualmente, o racismo é reconhecido como ato discriminatório racial, e justifica os vários atos de intolerância e violência em relação à cultura e religião afro.

A democracia racial surge, após muitos estudos voltados a uma das obras mais importantes de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”. Nessa obra:

Gilberto Freyre tentou romper esta ideologia racial discriminatória, mostrando a vantagem de ser mestiço. Segundo Freyre, o futuro do Brasil, e sua melhor contribuição para a convivência entre os povos, seria justamente a sua multiracialidade, a modernidade do povo brasileiro, testemunho da relação fraternal entre as raças. Para Freyre, o Brasil, por causa de sua múltipla miscigenação racial, é modelo para a humanidade futura, que tende para uma metarça universal. Na medida em que esta metarça se afirmar, as democracias superarão, de fato, as diferenças étnicas, e procurarão diminuir as desigualdades sociais e culturais da população (STRIEDER, 2001, p. 14).

É importante ressaltar que partir da obra de Freire, passou a se fazer uma análise científica de suas ideias, e muitos autores fundaram este mito da democracia racial. Segundo Carvalho e Silva (2018, p. 55), este mito é “baseado na suposta convivência harmônica entre diferentes grupos étnicos”.

Os anos passam e com eles o preconceito e a intolerância mascaram-se através do mito da democracia racial e por outros discursos, mas persistem até os dias atuais. As religiões afro-brasileiras estiveram marginalizadas e menosprezadas dentro da sociedade brasileira.

O batismo e a submissão às doutrinas da religião do colonizador representam bem a intolerância religiosa dessa época e como ela perpassou até os dias de hoje, sempre tendo como inferior tudo que deriva da cultura do colonizado ou escravizado. Essa marginalização e menosprezo da religião nativa, e negra eram justificados pelo simples fato de associá-los a seres sem alma que estariam mergulhados nas trevas por praticarem feitiçarias e bruxarias, onde o catolicismo iria salvá-los, para os portugueses eles estavam fazendo um grande favor, pois estariam dando a oportunidade dos negros converterem-se e assim alcançarem a salvação. Essa era a justificativa dos colonizadores para impor-lhes a religião católica e marginalizar a cultura religiosa dos que aqui chegaram na condição de escravo (ACIOLY; ARAÚJO, 2016, p. 571-572).

É possível perceber que, de acordo com os autores, a marginalização das religiões de matriz africana vai acontecendo e sendo justificadas nesse processo colonizatório do Brasil. Tais religiões foram muitas vezes perseguidas e suas práticas eram consideradas bruxarias e feitiçarias. De acordo com os autores, a Igreja Católica condenou as religiões afro e perseguiu com o apoio de todo aparato judicial que, segundo a Igreja, eram alusivas ao satanismo.

Os anos passam e a história repete esta situação de marginalização das religiões afro. Dessa vez, além de serem criadas leis proibindo atos e encontros para rituais destas religiões, os jornais, que eram os veículos de imprensa mais comuns nos anos de 1920, passaram a acompanhar esta marginalização e condenar abertamente estas práticas.

O ódio contra estas religiões é algo que persiste até os dias de hoje. A violência e intolerância contra os praticantes dessas religiões é algo tão comum que os veículos de comunicação nos apresentam muitos destes casos. O site de notícias o Globo publicou recentemente a seguinte notícia: “Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula: Estudantes são obrigados a rezar o Pai Nosso e tirar adereços de seu credo” (FERREIRA; GRANDELLE, 2017). Segundo o relato dos alunos e dos pais, a escola ignorou o fato possuir alunos de diferentes religiões, e programou um culto religioso pertencente a

uma única religião, solicitando que todos o seguissem, e não manifestassem de nenhuma forma suas opções religiosas. Este fato demonstra que o preconceito com as religiões afro é existente ainda nos dias atuais e de maneira muito direta aos praticantes. A marginalização destas religiões persiste e gera preconceitos que são propagados e dificultam a liberdade religiosa dos indivíduos que praticam estas religiões.

3 Caminhos metodológicos da pesquisa

O presente trabalho percorreu um caminho metodológico para que fossem analisados a percepção e o trabalho das religiões afro-brasileiras dentro do contexto escolar, pelos alunos e professores.

Para obter os dados de identificação desta percepção, foi aplicado um questionário aos alunos do sexto ano de uma escola Municipal de Ensino Básico da cidade de São Borja. A turma possui 20 alunos.

O intuito do questionário foi compreender a percepção dos alunos da escola em relação às religiões afro e sobre a importância do estudo dessas religiões dentro de sala de aula.

A metodologia do trabalho perpassa pela visão dos professores. Para isto, foi realizada uma entrevista semiestruturada com dois professores de História e um de Ensino Religioso da mesma escola, com o objetivo de compreender como essas religiões são trabalhadas em sala de aula.

4 As religiões afro-brasileiras na percepção dos alunos

4.1 Perfil religioso dos alunos

A escola em que foi realizada a entrevista e o questionário é uma escola municipal localizada na periferia da cidade de São Borja. De acordo com a pesquisa, 38% são

evangélicos, 37% católicos, 19% afirmam não ter religião e 6% são adeptos da Igreja Universal. Ao serem indagados se os mesmos acreditam existir uma religião única e verdadeira, 56% afirmam que não, porém 44% respondem afirmativamente. Essa pequena diferença de 56 para 44% pode ser crucial na hora de entender muitos discursos intolerantes em relação a outras religiões.

4.2 Sobre o significado das religiões afro

A segunda parte do questionário volta-se totalmente para perguntas relacionadas às religiões afro, a fim de perceber o conhecimento dos alunos e sua percepção sobre tais religiões. Para introduzir as religiões afro como foco do questionário, a pergunta foi: “Quais religiões afro-brasileiras você conhece?”. 94% dos alunos afirmaram não conhecer nenhuma religião afro, não sabendo nem os nomes, ao certo, de quais existem. A outra pergunta foi feita dessa forma: “Para você, o que significam as religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda?”. 62% dos alunos afirmaram que estas religiões são feitiçarias e bruxarias e significam algo ruim. E 48% afirmaram que estas religiões são manifestações culturais.

Os alunos possuem muito pouco conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras e, na maioria das vezes, estas religiões são associadas a uma ideia de maldade e coisas ruins e não são reconhecidas como religiões, por alguns alunos. Essa visão persiste desde muito tempo atrás e continua condenando povos e subjugando suas crenças e religiões. Moreira e Silva (2013) nos apontam que a associação da imagem do negro africano, de suas práticas religiosas e culturais a uma imagem negativa associada ao demônio, feitiçaria entre outras foi algo muito comum no Brasil.

Essa visão equivocada que os alunos possuem advém da falta de conhecimento em relação às religiões. Este pode ser um fator da disseminação do ódio e preconceito em relação a estas religiões. Para Moreira e Silva (2013), as discussões que abordem as religiões afro-brasileiras devem proporcionar aos alunos um esclarecimento e respeito à diversidade religiosa. É possível levantarmos uma hipótese de que essa percepção do aluno pode ser construída no convívio familiar.

4.2 Estudo das religiões afro dentro das escolas

Neste momento da pesquisa, objetivamos conhecer a percepção dos alunos sobre a abordagem das religiões afro-brasileiras dentro da sala de aula. A pergunta foi: “Você já estudou sobre as religiões afro nas aulas de História?” A resposta dos alunos é imprescindível para poder compreender todas as respostas anteriores, pois, 100% dos alunos afirmam nunca ter estudado as religiões afro, nem na disciplina de História, nem em nenhuma outra disciplina, o que se torna preocupante. A outra questão foi: “É importante aprender sobre as religiões afro nas aulas?” A maioria dos alunos, 69%, afirma ser importante estudar as religiões afro, e 31% não veem necessidade em falar ou conhecer estas religiões. Percebe-se, nesta questão, que a falta de conhecimento pode ser o desencadeador das ideias marginalizadas e equivocadas sobre tais religiões. Uma questão complementar foi: “Estudar as religiões afro na sala de aula ajudará você a:...” 56% dos alunos afirmaram que ajudará a ser mais tolerante e respeitar as diferentes crenças. Já 19% dos alunos afirmaram que nada ajudará estudar essas religiões. E 13% dos alunos ainda destacam que o estudo das religiões afro ajudará compreender a história e cultura dos negros africanos. E 12% ainda consideram que esse estudo contribuirá para uma convivência pacífica em meio à diversidade religiosa. Pode-se avaliar que o fato dos alunos serem novos e terem curiosidade, eles possuem um interesse pelo conhecimento das religiões afro. Para Carvalho e Silva (2018), a escola pode criar possibilidade de formar uma consciência cidadã, sendo de fundamental importância a implantação de estratégias de combate à discriminação racial, conhecimento e valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas.

171

O meio de produzir esse conhecimento sobre as religiões afro é também dentro das escolas, elencando dentro das aulas esta temática. Fica evidente através deste questionário como os alunos percebem com certo grau de intolerância as religiões afro-brasileiras. Para poder compreender em totalidade a questão das religiões afro no contexto escolar, parte-se para a análise das entrevistas feitas com as professoras da escola.

5 As religiões afro-brasileiras na percepção dos professores

A realização da entrevista semiestruturada, com os professores, foi feita com o objetivo de obter as informações que demonstrassem se são trabalhadas as religiões afro nas aulas e se a intolerância com essas religiões é um fato real e como agem quando se defrontam com estes casos.

5.1 Trabalho das religiões afro dentro da sala de aula

Foram feitas as entrevistas a três professoras, duas formadas em História e uma com formação em Matemática, mas que atua na disciplina de Ensino Religioso, da mesma escola em que foi aplicado o questionário com os alunos. As professoras ficam denominadas, neste trabalho, como Professoras A, B e C.

As perguntas foram as seguintes:

1. “A cultura afro-brasileira é uma temática trabalhada em sala de aula? E de que forma é trabalhada?”
2. “Você acha importante trabalhar as religiões afro-brasileiras nas aulas de História? Por quê?”
3. “Quais as maiores dificuldades em trabalhar a temática das religiões afro?”

172

Sendo assim, para a pergunta número 1, a resposta da professora A, foi a seguinte: “Sim. Através de projetos resgatando as contribuições da cultura afro-brasileira em nosso idioma, culinária, moda, dança, religião, arte.”

Ao responder a segunda pergunta, a professora A afirmou que: “Penso que é muito importante para quebrar o mito de lá do período colonial em que as religiões afro-brasileiras eram vistas como bruxarias”. Acioly e Araújo (2016) nos ajudam a compreender essa relação com a bruxaria quando consideram que a marginalização e o menosprezo da religião dos negros eram justificados pelo fato de associarem estas religiões a práticas de feitiçarias e bruxarias. Para os autores, no período colonial, somente o catolicismo seria visto como um caminho para promover a salvação dos negros.

Na terceira pergunta, a professora A respondeu: “Falta de materiais didáticos e questão da não aceitação da comunidade escolar, pois ainda temos ideias muito fortes do Brasil Colônia”.

A Professora B parece ter sido mais realista e direta, elencando que em suas aulas é feita a relação dos conteúdos com a cultura afro. Segundo ela, “a cultura afro está presente no conteúdo programático do 7º ano com “Reinos Africanos” e no 8º ano quando se aborda a escravidão, porém não é aprofundado”.

Para a pergunta 2, a professora B respondeu: “Sim, pois, nossa cultura brasileira descende da africana sendo assim de grande importância conhecer nossas origens”.

Na pergunta 3, a professora B responde o seguinte: “As religiões afro não estão presentes no conteúdo programático da disciplina, desta forma, os materiais presentes nas escolas são poucos existentes e o tempo é curto para agregar conteúdos”.

Para a professora C, a entrevista foi adaptada, para que ela discorresse sobre a realidade na disciplina de Ensino Religioso, na qual atua. Sendo assim, para a primeira pergunta, a resposta da professora foi a seguinte: “A cultura afro está no plano de Ensino dos alunos do 6º ano e será trabalhado através de textos e debates”. É possível aqui perceber que a professora compreende a necessidade de levar aos alunos o conhecimento sobre a cultura afro, conforme apontou Milani (2013), sobre a importância de conhecer as religiões como um fenômeno sempre presente nas múltiplas culturas em todo percurso histórico.

A professora C ainda respondeu a segunda pergunta da seguinte forma: “Acho importantíssimo trabalhar as religiões afro bem como as demais, uma vez que o respeito deve ser com todos”. Aqui também a declaração vem ao encontro de Milani (2013), quando considera importante que a escola proporcione aos alunos momentos de reflexão sobre a diversidade religiosa.

Na pergunta 3, a professora C respondeu sobre as dificuldades de trabalhar esta temática religiosa. Sendo assim, sua resposta foi: “O preconceito e intolerância com qualquer religião que não seja a evangélica ou a católica, no caso dos meus alunos”. Nessa perspectiva, também o estudo de Ferreira e Grandelle (2017) apontam relatos de preconceitos às religiões afro dentro da sala de aula.

Ao analisar as respostas das professoras, a principal questão que chama a atenção é em relação à temática da cultura afro estar presente no conteúdo programático de História do 7º e

8º ano, mas quando questionado sobre as religiões, a professora B, especificamente, afirma não ter esse conteúdo nos programas. Tem-se nesse contexto uma grande problemática, pois, mesmo havendo a temática sobre a cultura afro, a professora afirma não haver aprofundamento.

Entra em contraste, nesse momento, o currículo e a realidade. Os programas das disciplinas ou planos de ensino são formulados, nesta escola, pelas próprias professoras, que em conversa informal afirmaram ter feito esses programas há cerca de cinco anos. Sabe-se que, em cinco anos, muita coisa mudou, e o currículo deveria ser atualizado sempre para suprir as demandas que o tempo traz. Nota-se que a preocupação dos professores ainda é cumprir os seus conteúdos programáticos e logo, temáticas como intolerância em relação as religiões afro passa somente por uma conversa rápida. Para Pereira (2014), a escola não tem a função de simplesmente transmitir conteúdos oficiais, mas ela deve, por obrigação, formar os alunos para a criticidade na perspectiva de educá-los para serem agentes do processo histórico. Ao tecer mais comentários, a Professora B relata que, mesmo estando no conteúdo programático, a cultura afro não é algo aprofundado. Logo, as religiões afro nem entram em discussão. A história do Brasil é temática dos programas do 8º ano, mas não se notou na análise deles, especificamente, a história dos negros africanos que quando trazidos para cá passaram a fazer parte da história e identidade do Brasil. As autoras abaixo trazem claramente essa ideia:

174

nessa perspectiva, discutir ou ensinar a história das religiões afro brasileiras no espaço escolar pode ser uma possibilidade de desconstrução de antigos conceitos estereotipantes, negativos, discriminatórios e preconceituosos que ainda possam existir na sociedade atual. No momento em que se discute a escola que queremos, sendo pautada no respeito e reconhecimento da diversidade, da tolerância para com o próximo e em constituí-la como um espaço democrático- falar sobre as religiões afro brasileiras em sala de aula pode ser um ponto de partida para que os alunos conheçam parte de sua história, da história dos negros no Brasil, além de mostrar a sua importância para a formação do universo cultural do País (MOREIRA; SILVA, 2013, p. 2).

Quando analisadas as respostas da professora C, que leciona na disciplina de Ensino Religioso, da mesma forma, é perceptível que há uma necessidade de maior aprofundamento sobre a temática das religiões afro. Ao analisar o programa desta disciplina, consta o estudo sobre as principais tradições religiosas do Brasil.

Cabe apontarmos que a temática das religiões afro são trabalhadas em sala de aula, conforme relato das professoras. As mesmas também destacam a importância de se trabalhar e ressaltam a intrínseca relação da temática com a sociedade brasileira. Com relação ao material didático, também se percebe um limitador quanto à falta de subsídios para o trabalho, bem como a ausência da temática nos conteúdos dos planos de estudos.

5. 2 Intolerância em relação às religiões afro dentro da sala de aula

Para poder verificar a presença da intolerância dentro das salas de aula foi feita às professoras a quarta e última pergunta: “É possível perceber intolerância em relação às religiões afro, quando trabalhadas em sala de aula? E como você lida com estes casos?”

A professora A respondeu que: “Sim. Sempre explicando que as religiões afro, fazem parte da identidade do Brasil. E que é uma cultura dos africanos e não uma bruxaria. Procurando sensibilizar a comunidade escolar da influência e da importância que a cultura africana tem ao longo dos tempos em diversos setores de nossa sociedade.

A professora B respondeu essa última pergunta da seguinte forma: “Sim, mas a intolerância acontece por falta de conhecimento e pelos preconceitos que os alunos trazem de casa. Ensinar a eles um olhar mais aprofundado tende a diminuir esta intolerância”.

175

A professora C, que leciona na disciplina de Ensino Religioso, respondeu na quarta pergunta da seguinte forma: “É possível sim, infelizmente. Estou em aula sempre trabalhando com eles a questão de respeito e tolerância em todos os sentidos, no entanto é um desafio que temos de enfrentar”.

Ambas as professoras de História e a professora de Ensino Religioso afirmam que é possível perceber a intolerância em relação às religiões afro. As professoras apresentam que solucionam a situação de forma imediata e em curto prazo, pois demonstram em um diálogo onde explicam que deve ser respeitada estas religiões como qualquer outra.

Na nossa percepção, um dos pontos mais preocupantes é identificar que de fato as religiões afro não possuem a devida importância que precisam ter dentro da escola, não por culpa dos professores, mas pela estrutura e concepção curricular do país. Os alunos que

responderam ao questionário não tinham o devido conhecimento da nomenclatura das religiões afro, sabendo apenas nomes equivocados. É perceptível que não apenas os alunos possuem pouco conhecimento em relação às religiões afro, mas também, as professoras desconhecem muitas informações sobre o assunto. Nas respostas, as professoras A e B apontam a falta de materiais didáticos para poder trabalhar especificamente as religiões afro nas aulas.

Sobre essa falta de conhecimento dos professores, é notável que fica muito difícil trabalhar de forma plena as religiões afro. Para Milani (2013), dentre um série de posturas sobre o ensino das religiões, é necessário ter conhecimento acerca das diversas religiões sempre relacionando ao seu contexto de surgimento.

Os currículos, que são a base do planejamento de conteúdos e das aulas, precisam ser reavaliados e, com o auxílio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), seria muito mais interessante elaborá-los em sintonia com os conteúdos programáticos das escolas.

[...] o currículo escolar é um instrumento social de responsabilidade coletiva que supõe a participação de cada um. Pesquisas têm demonstrado que políticas públicas de currículo da educação básica, que são da responsabilidade imediata dos estados e municípios, têm empreendido iniciativas que quase sempre geram a desvalorização dos sujeitos no processo curricular, o que não nos permitirá chegar a um bom resultado (CHIZZOTTI; PONCE, 2012, p. 34).

Os PCNs podem se constituir num aliado na hora da formulação de currículos mais realistas e que contemplem a realidade dos alunos, que são agentes sociais e se relacionam cada um com suas diversidades. Os PCNs não são obrigatórios na elaboração dos currículos, mas pode-se perceber que este documento possui muitos pontos positivos e podem complementar os currículos escolares. Seria interessante integrar a aprendizagem à diversidade religiosa dos alunos. Dessa forma, os autores abaixo trazem a ideia de currículo muito condizente com com os argumentos descritos neste estudo:

Não há como pensar o currículo sem os seus sujeitos. É na prática pedagógica que o currículo ganha vida. Ele é um instrumento social que supõe a participação de cada um quando visa: a autonomia do indivíduo em comunidade; a preparação para viver e (re) criar a vida com dignidade; e a construção permanente de uma escola que valorize o conhecimento, que seja um espaço de convívio democrático e solidário e que prepare para a inserção na vida social pelo trabalho (CHIZZOTTI; PONCE, 2012, p. 34).

Esta pesquisa foi fundamental para compreender como estão as religiões afro no contexto escolar. Os dados desta pesquisa podem auxiliar na reflexão de possíveis mudanças na reestruturação dos currículos, contribuindo para que os alunos possam ser educados para o respeito à diversidade religiosa, principalmente em relação às religiões afro.

6 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo identificar a forma como eram trabalhadas as religiões afro-brasileiras a partir da percepção dos alunos e professores.

A abordagem entre a educação e a diversidade foi realizada no intuito de deixar claro que esta é uma realidade cujo as escolas encontram atualmente, e a diversidade religiosa é uma das variáveis dentro da gama de diversidades existentes no País.

O trabalho ainda abordou a relevância de abordar as religiões afro dentro das escolas, tem do em vista a luta por uma educação tolerante em relação à diversidade religiosa. A diversidade é uma realidade e a escola pode ser a formadora de cidadãos conscientes e que respeitem as diferenças existentes a sua volta. Para isso, se faz necessário este tipo de discussão e reflexão acerca das religiões afro nas escolas.

Por fim, a metodologia do trabalho pautada sobre os métodos de questionário e entrevista, com alunos e professores, apresentou algumas reflexões sobre o tema. Pode-se perceber que os professores conseguem trabalhar as religiões afro dentro das aulas sem muito aprofundamento e que encontram resistência entre os alunos quando abordam a temática.

Os alunos demonstram uma visão a partir do questionário, muito equivocada em relação às religiões afro. Em certo ponto afirmam que estas significam bruxarias e feitiçarias, isso vai ao encontro do fato de que este conteúdo não é abordado com profundidade.

Esta visão intolerante em relação às religiões afro advém muito de fora da escola, ou seja, os alunos, por falta de informação sobre estas, ou pela sua religião praticante ser muito radical, levam para dentro dos muros da escola sua visão preconceituosa. E quanto aos alunos viverem em uma cultura intolerante e preconceituosa com as religiões afro, isto foi verificado como verídico por meio desta pesquisa.

Os fatores que levam a esta visão intolerante podem ser muitos dessa forma, dois foram destacados pelo questionário, quando se traçou um perfil religioso dos alunos e quando se percebe por meio da entrevista com as professoras, a ausência nos currículos e conseqüentemente nas aulas de História e Ensino Religioso de uma discussão e reflexão mais aprofundada sobre as religiões afro.

Estes fatores apontam a necessidade de um trabalho mais efetivo na perspectiva de uma educação tolerante e respeitosa. Foi diagnosticada uma problemática a partir desta pesquisa, que é a percepção descaracterizada e equivocada em relação às religiões afro.

Sendo assim, o presente trabalho cumpriu o seu objetivo e aponta novas possibilidades de pesquisa. Dessa forma, conclui-se que a luta pela identificação justa e pelo respeito com as religiões afro-brasileiras deve continuar e este trabalho encaminha novas possibilidades na busca pela educação tolerante. Dentre as possibilidades, destacamos a necessidade de introdução gradativa de várias formas de estudo das religiões afro, na perspectiva respeitosa e tolerante ao diferente.

7 Referências

ACIOLY, Augusto Cesar; ARAÚJO, Victor Antônio Bispo de. Intolerância contra afro-religiosos: Conhecendo o candomblé dentro da sala de aula. **XVII Encontro Estadual de História**, v. 17, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieeh/xviiieeh/paper/viewFile/3362/2695>. Acesso em 07 jun.2019.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; SILVA, Eliane Anselmo da. As religiões afro-brasileiras na escola. **Revista Ibero-americana de Educação**, v. 76, n. 2 p. 51-72, 2018. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/download/3012/3958/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

CHIZZOTTI, Antonio; PONCE, Branca Jurema. O currículo e os sistemas de ensino no Brasil. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.25-36, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss3articles/chizzotti-ponce.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Suportar ou reconhecer: a dupla face do conceito de tolerância e o papel mediador da escola. **Pro-Posições**, Campinas, v. 28, supl. 1, p. 132-146, dec. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072017000400132&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jul. 2020.

CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. As religiões afro-brasileiras: subsídios para o estudo da angústia espiritual. **Rev. Esc. Enf.USP**, v. 28, n.2, p. 125-36, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reusp/v28n2/0080-6234-reusp-28-2-125.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2019.

FERREIRA, Paula. GRANDELLE, Renato. Adeptos de religiões afro-brasileiras relatam preconceito em sala de aula. Estudantes são obrigados a rezar o Pai Nosso e tirar adereços de seu credo. **O Globo**. Maio, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/adeptos-de-religoes-afro-brasileiras-relatam-preconceito-em-sala-de-aula-21410722>. Acesso em: 7 de jun. 2019.

MATTOS, Regiane Augusto de. Religiosidade. In. _____ **História e cultura afro-brasileira**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-171.

MILANI, Noeli Zanatta. A escola a favor da diversidade religiosa: Importância dessa abordagem em sala de aula. XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9410_4926.pdf Acesso em: 29 mai. 2019.

MOREIRA, Harley Arantes; SILVA, Maria Rejane. Religiões afro-brasileiras em sala de aula a partir da análise de uma turma de educação de jovens e adultos. XVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Natal, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364952202_ARQUIVO_rEJANE-ARTIGOANPUH.pdf. Acesso em: 24 mai./2019.

NOGUEIRA, O. 1985 [1954] "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem – sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil", in Tanto preto quanto branco; estudos de relações raciais, São Paulo, T. A. Queiroz. 1998 [1955] **Preconceito de marca**: as relações raciais em Itapetininga. São Paulo: Edusp

PEREIRA, Gilmar Ribeiro. A diversidade cultural e o currículo escolar: a resignificação das relações étnico-raciais. **Revista Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 1, n. 1, p. 55-63, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufms.br/index.php/persdia/article/download/17/6>. Acesso em: 10 jun. 2019.

STRIEDER, Inácio. Democracia racial: A partir de Gilberto Freyre. **Perspectiva filosófica**, v. 8, n. 15, 2001. Disponível em: https://www3.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15_artigo10001.pdf. Acesso em: 02 jun.2019.

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT

GUINDANI, Evandro Ricardo; SOARES, Laís de Ávila; GUINDANI, Yáscara Koga. Religiões afro-brasileiras no contexto escolar: Uma análise numa escola pública do Rio Grande do Sul. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 26, n. 2, p. 163-180, jul./dez. 2020.